

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
UMA CINEMATECA EM CHAMAS – HISTÓRIAS DE PROJEÇÃO E PROJEIONISTAS
CARTA BRANCA AOS PROJEIONISTAS DA CINEMATECA
21 de Janeiro de 2026

C'EST ARRIVÉ PRÈS DE CHEZ VOUS / 1992 (*Manual de Instruções Para Crimes Banais*)

Um filme de Rémy Belvaux,
André Bonzel e Benoit Poelvoorde

Realização: Rémy Belvaux, André Bonzel e Benoit Poelvoorde / **Argumento:** Rémy Belvaux, André Bonzel, Benoit Poelvoorde e Vincent Tavier / **Direcção de Fotografia:** André Bonzel / **Música:** Jean-Marc Chenut e Laurence Dufrene / **Montagem:** Rémy Belvaux e Eric Dardill / **Interpretação:** Benoit Poelvoorde (Benoit), Jacqueline Poelvoorde-Pappaert (mãe de Benoit), Nelly Pappaert (avó de Benoit), Hector Pappaert (avô de Benoit), Jenny Drye (Jenny), Malou Madou (Malou), Willy Vandebroek (Boby), Rachel Deman (Mamie Tromblon), Edith Lemerdy (enfermeira), Valérie Parent (Valérie), Olivier Cotica (Benichou), Remy Belvaux (Remy), André Bonzel (André), etc.

Produção: Les Artistes Anonymes / **Cópia:** em 35mm, preto e branco, falada em francês com legendas em português / **Duração:** 94 minutos / **Estreia em Portugal:** King, a 15 de Abril de 1994.

Sessão apresentada por João Melo

Eis um daqueles filmes cujo sucesso se explica, em grande parte, pelo próprio tempo que os viu aparecer. Anos 90, época de intensificação da “voragem” televisiva: em primeiro lugar, **C'est Arrivé près de Chez Vous** é um filme gerado pela consciência – cada vez mais evidente – dessa voragem, desse crescente derrubar de barreiras ao que pode ser mostrado/representado. E nesse sentido, a paródia expressa no filme do trio belga tem contornos que o tempo tornou cada vez mais realistas: não vimos já “coisas” que, muito mais a sério, seguem objectivos muito semelhantes aos dos realizadores do filme “dentro do filme”? Não vimos já, e cada vez mais, abundantes exemplos de produção mediática de “heróis” ou de “personalidades” criadas a partir de gente que não se distingue por nada de especial (ou por nada de especialmente positivo, pelo menos)? Estaremos assim tão longe do dia em que uma equipa de televisão seguirá passo a passo o quotidiano de um “serial killer”? Não vimos já o “voyeurismo” caricaturado por este filme nalguns objectivos televisivos supostamente “informativos”, por exemplo sobre a pedofilia? **C'est Arrivé...**, nesse sentido, transformou-se com o tempo num filme de “antecipação” – e se a chamada “lógica do ‘Big Brother’” é hoje uma coisa inerente a toda, ou quase toda, a televisão, o filme destes três estrelas belgas tem pelo menos o mérito de a ter pressentido e de a ter descrito antes de ela se ter instalado de armas e bagagens.

Não terá assim muitos mais para além desse, que é de cariz essencialmente "sociológico". **C'est Arrivé...** é um pouco como uma anedota, perde a graça com o tempo e com a repetição, e de certa forma esta anedota foi repetida várias vezes noutros lados (os filmes que parodiam os processos televisivos tornaram-se ao longo dos anos 90 quase um sub-género por direito próprio). Ao mesmo tempo, e como paródia televisiva que é, a maior "esperteza" do filme é também a sua maior limitação: o "formato", que mais não ambiciona do que a emulação dos formatos da televisão. Também por isso, talvez tenha hoje um efeito mais cansativo e repisado do que de outra ordem qualquer.

Vê-se hoje, acima de tudo, como uma curiosidade. Ampliada por alguns pormenores bizarros: recorde-se que, não muito tempo depois, "acontecia perto" deste filme, também na Bélgica, a descoberta e desmantelamento da famosa rede pedófila de Marc Dutroux (alguém que podemos imaginar possuir alguns traços em comum com o serial killer protagonista deste filme), que muito por força da cobertura televisiva havia de trazer a pedofilia para o primeiro plano dos traumas e dos medos contemporâneos.

O melhor, o melhor, e mais resistente a toda esta erosão, será mesmo o protagonista Benoit Poelvoorde, implacável na composição de uma personagem "estúpida e má", mas capaz de deixar instalar-se um misterioso magnetismo que faz nascer, da obscenidade, qualquer coisa de perigosamente sedutor. Algures entre algumas "criaturas" de Jerry Lewis e, por exemplo, certas personagens neuróticas e psicopatas que um actor como Joe Pesci compôs para Scorsese. De tempos a tempos, Poelvoorde exhibe um pequeno vislumbre de maldade em estado puro e incontrollável que poderia, se o filme quisesse seguir por essa via, tocar em qualquer coisa de muito mais fundo.

Luís Miguel Oliveira